

## A PEDRA DO DIABO

Maxwell F. Dantas

- A vista aqui do balde do açude é linda, não é Clécio?
- Realmente. Toda essa imensidão do açude, o pôr do sol refletindo nele...do outro lado a vista de toda a cidade...estamos rodeados pela beleza das coisas de Deus!
- De deus e do diabo.
- Do que você está falando?
- Da Pedra do Diabo.

Naquela época, Clécio tinha ido a Boqueirão para fazer estudos de paleontologia para o mestrado, sobre uma ossada de uma preguiça gigante, encontrada próxima a um povoado na zona rural daquela cidade. Eu era sua namorada e o ajudava na análise de dados da pesquisa. Mas também faço documentários; combinei com Clécio no segundo dia, que sairia para dar uma volta na cidade, em vez de acompanhá-lo, no intuito de encontrar algo de curioso para documentar. Tenho preferência por temas perturbadores, do tipo que provocam tremores em nossas certezas. Afinal, as cidades de interior são ricas em lendas e causos. Passamos lá uma semana.

Fui informada sobre um senhor que conhecia a lenda de uma pedra: a Pedra do Diabo. Esta pedra fica localizada às margens do açude Epitácio Pessoa. Mais precisamente “ao pé” da represa, que aqui na cidade chama-se *balde*. Bem no início do balde, do lado esquerdo - no sentido de quem vem da cidade para o açude -, há um pequeno morro, que é a cabeça de um dos lados do *boqueirão*, sobre o qual a pedra se impõe, como se fosse uma plataforma que dá para um tímido abismo. Contornando a base desse morro desliza sobre a lateral do balde uma escadaria de quarenta e dois degraus, que começa no nível da

cidade e vai até o nível da estrada lá em cima; um acesso para quem prefere caminhar à carro ou moto. A pedra fica ilhada entre cactos, xique-xiques, macambiras e outras plantas características do cariri paraibano. Um fato curioso é que na outra extremidade do balde, ao lado de um restaurante, existe a imagem de uma santa, formando ironicamente um maniqueísmo involuntário.

Fui à casa daquele senhor. Ele contara-me que aquela pedra servia de plataforma, na época da construção do açude Epitácio Pessoa, para subir e descer equipamentos e ferramentas, através de uma engrenagem de roldana com corda. Segundo o velho homem, como ainda não havia o balde do açude, o penhasco que beirava a pedra era bem mais alto que hoje. Ao manusear a engrenagem, muitas pessoas se machucaram, e até morreram, caindo lá de cima. “Por isso que chamam de pedra do diabo, aquela pedra é maldita”, disse o senhor enfaticamente. E acrescentou que sabia disso porque seu pai havia trabalhado na construção do açude, tentando, assim, atestar a legitimidade da informação.

– Quer dizer que o senhor acredita que estes acidentes aconteciam por causa de alguma influência maligna da pedra? Que não eram apenas acidentes? Indaguei-o.

– É claro que eu acredito nisso, moça! É que você é nova... viveu pouco ainda... é de cidade grande. Mas o *cão* se encarna nessas coisa: numa pedra, numa estrada, disse ele apontando para o chão, e continuou: “Quer ver... Em noite de lua cheia vá lá para a rua da independência umas onze horas, doze horas da noite e fique olhando para a *ladeira do canção*, lá do outro lado do rio. Nessas noite aparece um farol dum carro descendo a ladeira. De repente você vai ver o farol do carro se movendo como se ele tivesse capotando. Depois vá lá e você vai ver que não tem carro nenhum.

Ele fez uma pausa e concluiu falando em tom solene:

– É moça, é assim... isso é quando gente ruim morre nesses lugar, aí acontece essas coisa. Olhe, quer um conselho: esqueça esse negócio de pesquisar sobre a Pedra do Diabo. Não é bom mexer com essas coisa não.

Contei para Clécio o que tinha descoberto.

– Acontece que você não pode se apoiar apenas na versão desse senhor. Não tem nenhuma fonte histórica na biblioteca da cidade?

– É possível que tenha, mas ainda não verifiquei... Eu soube de um tal de mestre Afonso que conhece muitas histórias antigas do local. É também um senhor de idade. Vou procurá-lo para tentar descobrir algo mais sobre essa Pedra do Diabo, declarei em tom sinistro.

Ainda naquele mesmo dia – que era o segundo na cidade -, depois de termos saído do balde à tardinha (onde observávamos o belíssimo por do sol), jantamos no hotel. Depois de assistirmos o vídeo com a entrevista que fiz pela manhã, Clécio ficou no quarto organizando os dados que colhere naquele dia (que, aliás, era tarefa minha), e eu saí em busca de mestre Afonso num bar onde, segundo informações, ele gostava de jogar sinuca à noite. Era um senhor alto, todo de preto, cabelos grisalhos sob um chapéu respeitoso, expressão concentrada e sisuda.

– Com licença, o senhor é mestre Afonso?

– Sou eu mesmo, respondeu ele com olhar desconfiado.

– Eu poderia dar uma palavrinha com o senhor?

– É sobre o quê, hein?

– É que eu estou fazendo uma pesquisa sobre sua cidade; mais precisamente sobre a Pedra do Diabo. Me disseram que o senhor conhece essas histórias antigas daqui.

Ele olhou orgulhoso para os companheiros de jogo, aprumou o taco para mais uma tacada e disse:

– Deixe eu ganhar desse *caba besta* aqui que eu converso com a senhora.

Seu estilo de jogo era singular: ao tacar, o braço que segurava o taco tremia apontando em direção a bola, como se pudesse teleguiá-la para a caçapa. Fosse isso ou mal de Parkinson, a bola caiu e ele ganhou o jogo. Por sorte filmei aquilo. De início ele relutou, mas cedeu à câmera.

Sentamos à mesa distante da sinuca, ele acendeu um cigarro, tragou lentamente e começou a contar que antigamente, bem antes da construção do açude na década de 50, aquela pedra já era usada como local maligno, onde o mal era aprisionado. “Naquele período”, disse ele, “o demônio possuía as pessoas, mais do que hoje; os padres tentavam expulsar o tnhoso, mas quando não tinha jeito...quando a pessoa tinha pouca fé, o bicho não saía, sabe! Aí um dia alguém disse que se enforcassem a pessoa pendurada lá na pedra...a alma

dela descansaria e o bicho ficaria aprisionado na pedra”. Garantiu que uns rapazes que gostavam de beber lá em cima da pedra à noite (“desses que gostavam dessa música barulhenta que a meninada escuta hoje em dia”), encontraram uma corda escondida na fenda que a pedra tem bem no meio. E que esses mesmos rapazes já escutaram gritos misteriosos, certa vez quando se aproximavam dela por volta da meia noite, que julgaram ser de alguém que supostamente morrera ali. Perguntei-lhe se ele acreditava nisso. Como resposta ele disse que concordava com “aquele *home* que disse que tinha mais coisa entre o céu e a terra do que agente podia imaginar”. Contudo, acrescentou que, segundo seu avô lhe contara, isso era uma prática dos antigos índios cariris, que habitavam essa região muito antes da chegada dos Oliveira Ledo. Não exatamente o enforcamento, mas matavam os guerreiros que aprisionavam nas batalhas, naquela pedra, acreditando que, assim, seus espíritos não voltariam para suas tribos para fortificar seus companheiros.

Fiquei horrorizada com aquilo. Pessoas enforcadas naquele local...e os tais rapazes o freqüentavam friamente...será que faziam rituais lá? Agradei a mestre Afonso pelas informações e voltei para o hotel, onde mostrei o relato gravado a Clécio. Ele riu ironizando. Disse que era uma bela história de terror.

– Mas, e se as pessoas foram realmente enforcadas cruelmente? E essa história de aprisionar o espírito na pedra?

– Hálida, você disse que está horrorizada, mas eu acho mesmo que você está empolgada com este assunto. Lembre-se que temos dados para analisar sobre a ossada da preguiça.

– Claro meu amor. Eu só preciso fazer mais algumas imagens da pedra e entrevistar mais alguém. Mas amanhã saio para campo com você.

Pensando nas palavras de Clécio, eu percebi que para compreender a natureza de uma crença, são necessárias doses simétricas de empatia e ceticismo.

Na manhã seguinte, enfrentamos novamente o sol pesado de verão do cariri. No caminho para o Quarenta, povoado onde foi encontrada a ossada, passamos pelo balde. Olhei para a pedra. Ela parecia observar imparcialmente a cidade, enquanto ironicamente, na outra extremidade havia a imagem piedosa de uma santa, posta sobre uma pedra menor que a outra. A paisagem

às vezes verde, às vezes da cor do árido, misturava-se com o calor que fazia dentro do carro. Uma orquestra fragmentada de chocalhos de bois e de bodes tocava, regida pelo balançar preguiçoso dos galhos das algarobas. Uns urubus ao norte faziam um redemoinho no céu. Aproximando-se do local, se impunham outras pedras maiores que aquela. De quem seriam estas? Seriam todas as pedras do diabo?

Escavar um achado paleontológico é trabalho lento e delicado. Algumas pedras soterradas atrapalhavam o trabalho, ao serem confundidas com ossos da preguiça pré-histórica. Havia quatro homens da região ajudando Clécio - que observava, removia cuidadosamente o excesso de terra e resíduos, discriminava as condições e eu anotava tudo. Era trabalhinho chato, pois eu não era paleontóloga, era documentarista. Como profissional dedicado e metucioso, Clécio nem se dava conta do sol castigante que petrificava meu corpo. Ao meio dia, quando encerramos as atividades escavatórias do terceiro dia, um dos ajudantes nos convidou a comparecer a comemoração de seu aniversário logo mais à noite, num barzinho próximo ao hotel onde estávamos hospedados. Clécio concordou. Ele gostava de estar em uma mesa de bar rodeado de amigos.

Chegamos ao bar às nove horas, atrasados porque ele demorou em telefonema para a universidade. Depois de algumas cervejas, tira-gostos, piadas e cigarros, aproveitei a oportunidade para perguntar casualmente às pessoas presentes no bar sobre a história da Pedra do Diabo. Ironicamente, quase ninguém sabia nada a respeito, nem deram importância ao assunto. Fiquei desapontada com o desinteresse das dezenas de pessoas a quem abordei. Em visita à biblioteca na mesma tarde, constatei que não havia nenhum registro histórico sobre isto. Talvez a apatia para com o assunto se devesse a impressão lítica que as pessoas têm do diabo. Notei um desconforto amarelo na reação de algumas pessoas. Outras disseram: “do diabo! Vixe! Não sei, nem quero saber!”

O fascínio vívido, embora cauteloso, que senti nos dois senhores que me relataram sobre a pedra, não era compartilhado por quase ninguém mais naquele lugar.

Lá pelas tantas, se juntaram à nossa mesa um senhor e seu sobrinho. Quase tomada por uma obsessão, me apossei da atenção daquele homem, ao saber que era natural da cidade e que havia trabalhado informalmente na construção do açude quando ainda era molecote (vendendo todo tipo de coisas,

fazendo mandados, etc). Ele pareceu animar-se em perceber que alguém se interessava por assuntos históricos da cidade. Fez uma descrição detalhada da área onde situava-se a pedra, antes da construção do açude. Anotei tudo com afinco. Fixei a imaginação na parte do relato em que contou sobre várias pessoas que afirmaram ter visto o diabo sentado na pedra, fumando um charuto, quando ao crepúsculo, passavam pela antiga estradinha que cruzava o boqueirão entre o rio Paraíba e a pedra. Confessou ele mesmo nunca ter visto tal cena, mas suas palavras eram ornadas de um tom apaixonado. Pena não estar com a câmera naquele momento. Notei que ele estava um pouco incomodado quando se viu sem espaço para falar de outros assuntos com os colegas ali presentes, ao passo que eu o bombardeava de perguntas. Aproveitou enquanto eu anotava o relato freneticamente, para descontraí-lo com outros assuntos junto a seus consortes. Era a pausa que o sobrinho (que se chamava Wilson e aparentava uns dezenove anos) precisava para instigar-me ainda mais, quando se aproximou e disse, com uma segurança eloquente no olhar, que melhor do que entrevistar alguém a respeito da pedra, era ir lá à noite. Aquilo foi como lançar um fósforo num monte de palha embebida em gasolina. O convite era sedutor o suficiente para satisfazer-me tanto quanto desagradaria a Clécio, que simultaneamente à conversa animada com os outros, tentava assimilar o assunto que eu tratava tão envolvida com o rapaz. O conhecia o bastante para saber que ele não concordaria em visitar a pedra à noite. Era demasiado convencional para estas “transgressões”. Mas não pense que abandonei a hipótese. Ao contrário, comecei a elaborar mentalmente um estratagema para poder aceitar o convite do rapaz, sem a companhia nem o consentimento de Clécio. Ainda mais quando deduzi que aquele era um dos jovens que mestre Afonso mencionara.

Envolta em circunlóquios, convenci forçosamente meu namorado, depois de uma tensa discussão diplomática, a me esperar no bar enquanto eu iria ao hotel pegar a câmera para registrar um novo relato, pois não queria atrapalhar a sua participação na comemoração. Deixei o bar junto do rapaz que, sem perder tempo, me levou de moto até a pedra, onde dois outros amigos o esperavam. Clécio “me mataria” se soubesse, mas o receio adormecia diante da excitante curiosidade e do fascínio.

Sentados no início da escadaria que dava acesso ao local da pedra, os dois rapazes perguntaram: “É ela?” De súbito um medo gelado invadiu minha mente. “É”, respondeu Wilson. Aquelas palavras e rostos soturnos não me sugeriam outra coisa senão que eu era uma vítima conduzida passivamente ao sacrifício em um altar em honra de Lúcifer. “Vamos lá?”. “Claro”, respondi confusa e incapaz de reação contrária. Ao aproximar-me da pedra por esse ângulo, notei a semelhança da parte frontal com um rosto monolítico. A penumbra que dominava o local era amenizada pela luz da lua, que estava cheia. Pulando uma cerca e esquivando-nos dos xique-xiques, chegamos ao topo da pedra. A visão lá de cima era particularmente inspiradora: a cidade tal qual um bordado de luzes e telhados; o brilho furtivo das águas do rio que se estendia ao lado; à esquerda, se via os antigos galpões do DNOCS e um antigo cemitério desativado, contíguo à estação de tratamento de água da cidade. O vento revoltado agitava meus pensamentos, e os misturava com o frio que fazia lá em cima.

Para abrandar a sensação ao mesmo tempo instigante e temerosa, me pus novamente na posição de documentarista e comecei a fazer-lhes perguntas sobre a história da pedra, as suas visitas a ela, intercalando com as informações que havia conseguido com os dois senhores e o tio do rapaz.

Contaram-me que, de acordo com relatos do funcionário local do DNOCS, muitas pessoas morreram na construção do açude sob várias circunstâncias, e não só na pedra, como também em outros lugares da obra. Sobre mestre Afonso, esclareceram que ele era conhecido na cidade por inventar ou “apimentar” estórias, um contador de causos. Notava, no decorrer da conversa, uma simpatia extraordinária no olhar dos rapazes; eu era uma moça atraente (a despeito de qualquer narcisismo, eu garanto) acompanhada de três rapazes, em um lugar pouco convencional, a uma hora nada segura. Um deles acendeu um cigarro, outro sacou uma latinha de cachaça do bolso do casaco. Aceitei o cigarro apenas. Afinal, não misturaria cachaça com todas as cervejas que já tinha tomado no bar. Eu temia algum tipo de tentativa obscena dos rapazes, mas todo o desdém da maioria da população pelo mistério da pedra parecia influenciar meu expansivo interesse por ela. Alimentada por esta força, mas também por uma surpreendente gentileza dos rapazes, aos poucos fui me tranquilizando.

– Afinal, por que vocês vêm beber aqui? O que a Pedra do Diabo representa para vocês?

– Porque aqui, de alguma forma, sentimos liberdade. Parece que esta visão maravilhosa da noite e da natureza fertiliza nossos pensamentos com uma introspecção libertária, disse um deles.

– A pedra do diabo representa um referencial simbólico para o nosso comportamento e a nossa forma de pensar, tão estranhos à cultura da nossa cidade. Algumas pessoas, em um determinado dia do ano que, aliás, será neste fim de semana, fazem uma procissão que sai da igreja católica, percorrendo a estrada que leva ao açude, até chegarem à imagem daquela santa do outro lado do balde. Creio que buscam redenção e purificação com esta atitude. Não queremos nada disto vindo aqui à noite, acrescentou o outro.

– Por que vocês não tentam fazer desta pedra um ponto turístico?

– Esta pedra não é um ponto turístico, é um ponto de vista, defendeu o terceiro.

A conversa enriqueceria bastante o documentário. Proporia a eles em seguida que tentássemos reproduzir, o mais fiel possível, aquele momento (pela manhã, é claro) no dia seguinte, quando eu estaria munida da câmera (que disse a Clécio ter ido buscar). Mas isto seria uma preocupação para o outro dia, pois agora outra mais contundente se apresentava a mim. Depois de curta pausa, Wilson levantou-se e, tendo notado em mim uma tendência impulsiva pelo estranhismo daquela situação, revelou um fato ainda mais curioso: disse que no interior da fenda, era possível ouvir uns ruídos cuja origem ninguém nunca soube explicar. Confessou que, como uma demonstração de coragem, na primeira vez que estiveram ali, cada um deles desceu na fenda que se abria no meio da pedra, e ficou lá por uns cinco minutos mais ou menos. Quando perguntei se ouviram os ruídos, ele me provocou: “só descendo você saberá”.

É incrível que situações como esta possam parecer tão macabras, e ao mesmo tempo, tão fascinantes. Certamente, havia grandes chances de me deparar lá dentro com um morcego, uma cobra, uma aranha. Por outro lado, que espécie de documentarista seria eu, se não agarrasse a oportunidade ímpar de compreender empiricamente o meu objeto de investigação?



Percebendo minha instabilidade diante da proposta, o rapaz me ofereceu duas velas e uma caixa de fósforos, e alegou que a fenda não era tão funda quanto aparentava. Apoiada em erupções de pensamentos, decidi penetrar na Pedra do Diabo.

À medida que comecei a descida cuidadosa, uma sensação vertiginosa me tomou. Cheguei rapidamente ao fundo, com a sensação claustrofóbica de que seria esmagada pelas paredes que estavam a não mais do que dois palmos de distância do rosto e das costas. Todo o barulho ao redor, aos poucos foi diminuindo. Acendi as velas, mas em vez de claridade, um manto negro baixou lentamente sobre mim.

De repente, me vi assustadoramente caminhando naquela estrada descrita pelo senhor. Parecia ser um fim de tarde cinzento. O leitor só entenderia a sensação que ora tento transcrever, se fosse àquela pedra à noite e entrasse naquela fenda como eu fiz. Os passos lentos cessaram e um grito surdo pulsou de minha garganta quando vi um homem elegantemente vestido em um terno branco, fumando um charuto sentado na pedra, que se destacava na encosta do morro, provavelmente a uns dez metros de altura. Fiquei petrificada. Ele me encarava; nenhuma palavra ou gesto foram trocados entre nós. O olhar era penetrante e latente, mas extremamente tranquilo. Experimentei várias e profundas sensações naquele momento. Porém, mesmo com a adrenalina explodindo em todo o meu corpo, não queria sair dali. Não houve nem mais um passo meu, nem se quer um movimento dele. Todavia, nosso olhar recíproco parecia travar um duelo. Não, não era um duelo: era um debate. Não sei exatamente quanto tempo passamos nos fitando em silêncio. Era como se a pedra fosse uma mão estendida com ele na palma. Não consigo precisar o tempo; aproximadamente três minutos...eu acho.

– Hálida! Escutei meu nome cortar o silêncio. Não foi o homem de charuto, e sim Wilson, preocupado com meu estado atônito. Meio desnorteada, escalei de volta, precariamente, a parede da fenda, tremendo nervosa. Não expliquei com precisão o que tinha acontecido: “O que você viu?”; “Eu vi o que eu vi”. Uma neblina fria recém iniciada banhou meu rosto. Disse a eles que queria voltar para o bar imediatamente. Descemos os degraus todos calados. Quando cheguei, Clécio logo percebeu meu estado perturbado que mal conseguia disfarçar. Os rapazes foram embora sem entrar no bar. Nós nos despedimos do pessoal e

voltamos para o hotel, onde, um pouco mais calma, fiz um relato truncado sobre o que tinha acontecido. Ele esboçou aborrecimento, mas recuou devido ao meu olhar assustado. Demorei a dormir naquela noite.

No domingo à tarde voltei ao local para filmar a pedra e a fenda com a ajuda de Clécio. Alguns *flashes* daquela experiência ainda se acendiam na minha mente. As velas ainda estavam lá, derretidas. Os rapazes também compareceram como havíamos combinado, mas suas declarações não foram tão sinceras quanto naquela noite; provavelmente por causa da presença de Clécio com cara emburrada, que filmava nossa entrevista. A câmera, que estava posicionada na direção do balde, capturou involuntariamente a chegada da procissão que passava lentamente sobre ele, atrás de nós. O vento que soprava para o leste carregou o som das palavras que dizíamos, misturou com o dos cânticos religiosos da procissão, que sobre a imensidão do açude foram retalhados pelos últimos raios do crepúsculo.

---

**MAXWELL F. DANTAS** (Paraíba) – Contista. Graduado em letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro da ABES (Associação Boqueiroense de Escritores). Participou da Coletânea Poética: *Novos Poetas do Cariri Paraibano* (2010).